

2) os nomes femininos terminados

a) em *ôlha*, ex.: « *fôlha—rôlha* ».

b) em *ôra* (designando pessoas), ex.: « *professôra—proteçtôra—senhôra* ».

Exceptua-se *nôra*.

c) em *ôrra*, ex.: « *gôrra—cachôrra—zôrra* ».

Exceptua-se *desfôrra*.

3) *alcôva*, *arrôba*, *bôlsa*, *carôcha*, *cebôla*, *côdea*, *côlcha*, *côstra*, *crôsta*, *escôva*, *fôrca*, *fôrça*, *fôrma*, *lagôsta*, *môscas*, *ôstra*, *pôlpa*, *rôla*, *sôpa*, *sôrda*, etc.

43. Têm sempre a voz aberta *ó* na penultima syllaba—*apôdo*, *Apôllo*, *bolinhôlo*, *canôro*, *cochichôlo*, *côllo*, *côpo*, *cornozôllo*, *demagôgo*, *devôto*, *dôlo*, *Dôto*, *emmenagôgo*, *Eôlo*, *fôco*, *flôco*, *hydragôgo*, *ignôto*, *Isidôro*, *lôro*, *môlho* (feixe), *môdo*, *môto*, *nôssô*, *nôto*, *pedagôgo*, *pôlo*, *pôro*, *prôto*, *protocôllo*, *pyrôpo*, *remôrso*, *remôto*, *rôgo*, *sialogôgo*, *sôcco* (calçado), *sôlo*, *sonôro*, *subsôlo*, *Theodôro*, *tiracôllo*, *torcicôllo*, *tôpo* (encontro), *tôro*, *trôpo*, *vôssô*, *vôto*, *chôque*.

Demagôgo, *emmenagôgo*, *hydragôgo*, *pedagôgo*, *sialogôgo*, etc., são usualmente pronunciados *demagôgo*, *emmenagôgo*, etc.

44. Alteram-se os vocabulos por adição, por eliminação, por transposição e por absorpção de vozes ou de modificações.

Os modos de realizarem-se estas alterações chamam-se *figuras de metaplasmo*.

Ha tres figuras de adição, tres de eliminação, duas de transposição, uma de transformação e duas de absorpção.

Chama-se a adição de voz feita

1) ao principio de um vocabulo—*prothese*, ex.: « *acrêdor* » por « *crêdor* » ;

2) ao meio—*epenthese*, ex.: « *Mavôrte* » por « *Marte* » ;

3) ao fim—*paragoge*, ex.: « *martyre* » por « *martyr* ».

Chama-se a eliminação de voz feita

1) ao principio de um vocabulo—*apherese*, ex.: « *liança* » por « *aliança* » ;

2) ao meio—*syncope*, ex.: « *imigo* » por « *inimigo* » ;

3) ao fim—*apocope*, ex.: « *marmor* » por « *marmore* ».

A transposição de uma voz ou de uma modificação chama-se *metathese*, ex.: « *vigairo—frol* » por « *vigario—flor* ».

O futuro do indicativo e o imperfeito do condicional dos verbos admittem entre o thema e a desinencia as fórnas complementares dos pronomes pessoaes, ex.: « *dir-te-ei — fal-o-ias — amar-nos-emos pôr-vos-ão* » em vez de « *direi-te—faria-te—amaremos-nos—porão-vos* ». Esta figura que é realmente uma variedade de *metathese* chama-se *tnese*.

A transformação de uma voz ou de uma modificação chama-se *antithese*, ex.: « *Sulla—amal-o* » por « *Sylla—amar-o* ».

A absorpção da voz livre pura que termina um vocabulo pela voz livre inicial do vocabulo seguinte chama-se *synalepha*, ex.: « *da, mo* » por « *de-a, me-o* ».

A *synalepha* não se effectua quando está sob o *accento tonico* a voz livre terminal do primeiro vocabulo, nem tampouco na inserção por *tnese* de pronomes em verbos.

A pratica da *synalepha* é mais seguida em Portugal do que no Brazil: todavia ella é de rigor na leitura corrente, bem como a ligação dos vocabulos quando seus elementos o permittem, ex.:

« *Dom donzel, onde é que está el-rei? dizia Affonso Domingues ao pagem* » (ALEXANDRE HERCULANO)

lê-se:

« *Dom donzé londe está el-rei? dizi Affonso Domingue záo pagem* ».

A absorpção da voz livre nasal que termina um vocabulo pela voz livre inicial do vocabulo seguinte chama-se *ekthlipse*, ex.: « *co'as —c'os* », por « *com as—com os* ».

A *ekthlipse* só se emprega na poesia e na conversação familiar.

SECÇÃO TERCEIRA

ORTHOGRAPHIA

45. *Orthographia* é o tratado da representação symbolica dos sons articulados.

Não está ainda fixa a *orthographia* da lingua portugueza: prevalece contudo nella o elemento *etymologico*.

Varias tentativas se têm feito para estabelecer em Portuguez a *orthographia* exclusivamente *phonetica*; todas têm abortado.

Ainda ultimamente subiu em Portugal á consideração da Academia Real das Sciencias o parecer de uma commissão que advogava e punha em pratica tal *systema* (1): nada produziu.

(1) *Representação á Academia Real das Ciências sobre a Refórma da Orthografia*, Lisboa, 1878.

Orthographia phonetica em Portuguez é utopia : como muito bem disse o sr. Theophilo Braga (1), « os partidarios da orthographia phonetica representam modernamente na grammatica o papel dos que procuravam a linguagem natural ».

46. Os symbolos das modificações que no tubo vocal experimentam os sons laryngeos chamam-se *letras*.

Letra não é *signal*: a letra representa um só elemento de palavra; o signal representa uma palavra inteira. A expressão arithmetica « *deux mais quatre* » escreve-se com quatorze letras, ao passo que bastam-lhe tres signaes « $2 + 4$ ».

Quando a palavra consta de um só elemento phonologico é possível represental-a por uma só letra, ex.: os artigos « *a, a* ».

Tanto letras como signaes comprehendem-se na denominação geral *kharactères*.

47. Chama-se *alphabeto* o systema de letras usado para representar os elementos phonologicos de um idioma.

48. Constan em geral os alphabetos de *letras simples* e de *letras compostas*.

A letra é simples quando consiste em um só symbolo, ex.: « *a, t* »: é composta quando formada por um symbolo e por uma notação, ou por mais de um symbolo.

Uma reunião de symbolos só constitue letra composta quando toda ella representa um valor unico, ex.: « *phth* » que vale *t* simples: si cada symbolo conserva seu valor proprio já a reunião não fórma letra composta, porém sim grupo de letras, ex.: « *cl—pr* ».

A letra composta tambem se chama *digramma*.

49. O alphabeto portuguez consta de 25 letras simples e de 77 compostas.

As simples são—*a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z*.

As compostas são—*ã, ãh, am, an, bb, bd, bh, bt, cc, ç, çç, cd, ch, equ, ct, dd, dh, gd, é, ê, eh, em, en, ff, gg, gh, gm, gn, gu, ha, he, hi, ho, hu, hy, i, ih, im, in, kh, kkh, lh, ll, mm, mn, nh, nn, ô, ô, õ, oh, om, on, pç, ph, phth, pp, ps, pt, qu, rh, rr, rrh, sc, sch, sh, ss, th, tt, uh, um, un, ym, yu, w, zz*.

(1) *Grammatica Portugueza Elementar*, Porto, 1876, pag. 146.

50. Dividem-se as letras em vogaes e alterantes. São *vogaes* as que representam vozes livres, e *alterantes* as que symbolisam as modificações de constrictão e de explosão por que passam os sons laryngeos no tubo vocal.

As *vogaes simples* são seis—*a, e, i, o, u, y.*

As *alterantes simples* são dezenove—*b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z.*

Inclue-se o *h* entre as letras por uniformidade de classificação: na maioria dos vocabulos portuguezes elle não passa de signal etymologico cuja utilidade é indicar a aspiração da palavra estrangeira raiz. Todavia em *baía, cahir*, etc. serve para marcar a separação de vozes que sem seu auxilio poderiam ser tomadas como formando diphthongos.

51. *Accentos* são notações orthographicas com que se compõem letras para exprimir a natureza, a predominancia, a contracção, a supressão de vozes livres.

52. Ha em Portuguez quatro accents: o *agudo* (´), o *circumflexo* (^), o *nasal* ou *til* (˘), e o *suppressor* ou *apostrophi* (ˆ).

Alguns lexicographos usam do *accento grave* (˘), para marcar os sons fechados (1): tal accento, extranho ao Portuguez, acha-se banido da uso geral (2).

53. O *accento agudo* colloca-se

- 1) sobre a inicial para indicar contracção de vozes similhantes, ex.: *á* por *aa*, *áquelle* por *a aquelle*.

Escreve-se *vestido á Luiz XI—Estylo á Camões*, porque em taes locuções ha ellipse da palavra *moda*: *vestido á Luiz XV* é ellipse de *vestido á moda de Luiz XI*. Zola escreveu em Francez *Habillé à la diable* (3).

- 2) no corpo dos vocabulos sobre todas as vogaes excepto *y*: serve então para indicar a tonicidade da syllaba, ex.: *dúvida -létrico—maníaco—córrego -lúrido*.

(1) MORAES, *Diccionario da Lingua Portugueza*, 7.^a edição, Lisboa, 1877—1878.

(2) GARRETT, *Da Educação*, 2.^a Edição, Porto, 1869, pag. 11—12.

(3) *Une Page d'Amour*, 37.^{me} édition, Paris, 1880, pag. 32.

3) sobre *a, e, o* na terminação dos vocabulos ; serve em taes casos para indicar a tonicidade da syllaba, notando conjunctamente o abrimto da voz, ex. : « *alvará—café—mocotó* ».

54. O accento circumflexo colloca-se

1) sobre *e, o* no corpo e no fim dos vocabulos para indicar tonicidade da syllaba, notando conjunctamente o fechamento da voz, ex. : « *quêdo—côvo—mercê—avô* ».

2) sobre *e* para indicar contracção de vozes semelhantes, ex. : « *têm* » por « *teem* ».

55. O accento nasal ou til colloca-se

1) sobre *a* no fim dos vocabulos para indicar a tonicidade da syllaba, notando conjunctamente a nasalidade da voz, ex. : « *galã—manhã* ».

2) sobre a prepositiva dos diphthongos nasaes, ex. : « *mãe—garranhão—põe* ».

Seria erro escrever *aẽ, aõ, oẽ* com til na subjunctiva : a voz nasal destes diphthongos é a prepositiva, e sobre a letra que a representa é que deve cahir o signal de nasalidade.

Pela historia das fórmas do Portuguez vê-se que o til é uma abreviação de *m* ou *n* : os antigos escreviam *têpo, pôte* por *tempo, ponte*.

56. O apostropho colloca-se no logar de uma vogal suppressa, ex. : « *d'este—p'ra* » em vez de « *de este—para* ».

O uso do apostropho vai-se tornando cada vez mais raro na prosa. Escreve-se hoje *delle, do, lho, etc.*, e não mais *d'elle, d'o, lh'o*. A differenciação necessaria entre certos vocabulos faz-se por meio do accento agudo : assim *dêsse, dêste*, fórmas do verbo *dar*, levam accento que as distinga de *desse, deste*, contracções de *de esse, de este*.

Escrever *n'um, n'uma, etc.*, como geralmente se faz, é absurdo. Taes fórmas são contracções de *em um, em uma, etc.* : a usar-se do apostropho ha de ser escrevendo-se *'num, 'numa* de modo que elle occupe o logar da vogal *e* desaparecida.

Melhor é seguir o caminho mais curto, e escrever *no, num*.

57. A voz aguda *á* representa-se por *â* (accentuado) sómente quando é terminal de vocabulo, ex. : « *alvará—pachá* ». Nos mais casos usa-se de *a* (simples), ex. : « *chave—pato* ».

O accento que em *cáfila*, *sáfaro* e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores nada tem com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *ca*, *sa*, etc.

58. A voz aguda *é* representa-se por *é* (accentuado) sómente quando é terminal de vocabulo, ex.: « *café—maré* ». Nos mais casos usa-se de *e* (simples), ex.: « *meta—neto* ».

O accento de *pégo* (abysmo) e o de *prégar* (declamar sermões) são usados para differençar esses vocabulos de *pego* (presente de *pegar*) e de *pregar* (cravar pregos).

O accento que em *lépido*, *tétrico* e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores nada tem com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *pe*, *te*, etc..

59. A voz fechada *ê* representa-se por *ê* (accentuado) sómente quando é terminal de vocabulo, ex.: « *mercê—você* ». Nos mais casos escreve-se com *e* (simples), ex.: « *medo—remo* ».

O accento de *pégo* (participio irregular do verbo *pegar*) é usado para differençar esse vocabulo dos dous outros acima referidos *pego* e *pégo*.

60. A voz commum *i* representa-se

- 1) por *i* (simples) no corpo dos vocabulos em geral, e na terminação dos vocabulos oxytonos, ex.: « *ensino—javali* ».
- 2) por *í* (accentuado) nas syllabas cuja tonicidade se quer indicar ex.: « *annuncio—varío* » dos verbos « *annunciar—variar* ».

O fim do accento neste caso é o mesmo que o dos accents de *a* e de *e*, já vistos; serve para differençar vocabulos.

- 3) por *e* na terminação de todos os vocabulos barytonos e na conjuncção *e*, ex.: « *cidade—mosarabe—montes e valles* », que se lêem « *cidadi—mosarabi—montis i vallis* ».

A maioria dos Brasileiros assim pronuncia: em Portugal diz-se « *cidádê—mosárabê—montês e vallês* » dando á voz terminal um som abafado, muito distincto de *i*.

- 4) por *y* nos vocabulos derivados de palavras gregas escriptas com *y*, e nas terminações dos nomes tupys, ex.: « *hypothese—typo—Jacareky* ».

E' uso representar por *y* a voz commum *i* que occorre entre duas vozes livres: escreve-se, pois, « *Goyaz—Guyana* »:

Cumpre, todavia, notar que tal pratica só está em voga com os nomes proprios: *caiar*, *goiabada*, etc., escrevem-se com *i*.

61. A voz aguda *ó* representa-se por *ô* (accentuado) quando é terminal de vocabulo, ex.: « *enzô—filhô* ».

Nos mais caso usa-se de *o* (simples), ex.: « *capote—sola* ».

Os compostos de vocabulos oxytonos terminados em *ó* retêm o accento, ex.: « *arosimha—sômente* ».

O accento que em *estólido*, *solido* e em outros vocábulos proparoxytonos collocam alguns escriptores nada tem com a natureza da voz; indica apenas a tonicidade das syllabas *tó*, *só*, etc.

62. A voz fechada *ô* representa-se por *ò* (accentuado) sómente quando é terminal de vocabulo, ex.: « *avô—bisarô* ». Nos mais casos escreve-se com *o* (simples), ex.: « *poco—rodo* ».

63. A voz commum *u* em vocabulos portuguezes representa-se sempre por *u* (simples), ex.: « *laca—tuba—tuto* ».

Em alguns vocabulos inglezes admittidos em Portuguez sem alteração de fórma graphica a voz *u* representa-se por *w*, ex.: « *whig—whist* ».

O accento que em *húmido*, *lívido* e em outros vocabulos proparoxytonos collocam alguns escriptores nada tem com a natureza da voz: indica apenas a tonicidade das syllabas *hú*, *lú*, etc.

64. A voz nasal *an* representa-se

- 1) por *ã*—na terminação dos vocabulos oxytonos, ex.: « *gadã—irmã* ».
- 2) por *am*—no corpo dos vocabulos antes de *b*, *m*, *p*, ex.: « *ambos—gramma—rampa* ».
- 3) por *an*—em todos os outros casos, ex.: « *canja—iman* ».

65. A voz nasal *em* representa-se

- 1) por *em*—na terminação dos vocabulos; no corpo delles antes de *b*, *m*, *p*; nos compostos de *além*, *alguem*, *bem*,

decem, sem: ex.: « *ordem—palafrem—emboço—emmoldurar—temporão—alemtejano—aquemgangético—bemdizer—decenviro—semsaborão* ».

- 2) por *en*—na terminação do vocabulo *joven*, e nos casos não comprehendidos acima.

Escrevem-se tambem com *en*—*especimen, gluten, hymen, hyphen, lichen* (*likhen* melhor orthographia), *pollen* e outros vocabulos tomados do Latim sem mudança de fórma: em taes casos, porém, a terminação *en* não é nasal.

66. A voz nasal *in* representa-se

- 1) por *im*—na terminação dos vocabulos, e no corpo delles vindo antes de *b, m, p*, ex.: « *assim—imbuir—immediato—impedir* ».
- 2) por *in*—em todos os casos não comprehendidos acima, ex.: « *lindo—pinto* ».
- 3) por *ym*—no corpo de vocabulos derivados do Grego, antes de *b, m, p*, ex.: « *Symmakho—tympano* ».
- 4) por *yn*—no corpo de vocabulos derivados do Grego em todos os outros casos, ex.: « *synodo—syntaxe* ».

67. A voz nasal *om* representa-se

- 1) por *om*—no fim dos vocabulos, e no corpo delles vindo antes de *b, m, p*, ex.: « *scunitom—bomba—gomma—romper* », e tambem em « *connigo—contigo—consigo—conosco—comosco* », e em outros compostos de *com*, ex.: « *comtanto, comtudo* ».
- 2) por *on*—na terminação dos vocabulos *canon, colon*, nos derivados destes e nos casos não comprehendidos acima, ex.: « *redondo—tonto* ».

68. A voz nasal *un* representa-se

- 1) por *um*—na terminação dos vocabulos; no corpo delles, vindo antes de *b, m, p*; nos compostos de *circum, duum, trium*: ex.: « *atum—chumbar—summulista—cumprir—circunstantia—duumviro—triumviro* ».
- 2) por *un*—nos casos não comprehendidos na regra acima, ex.: « *fundar—mundano* ».

69. O plural dos nomes terminados por *an, em, en* (nasal), *im, om, um* escreve-se sempre com *n*, ex.: « *orphans—ordens—palafrens—jovens—putins—sons—jejuns* ».

70. A modificação vocal *be* representa-se

- 1) por *b*—na maioria dos casos, ex.: « *ambos—siba* ».

Ha como já ficou dito (16—21) differença entre *modificação vocal* e *voz modificada*: modificação vocal é simplesmente a fôrma que imprime ao som laryngeo tal ou tal jogo das partes moveis da bocca; voz modificada é o som laryngeo já revestido dessa fôrma. Assim, *b* é uma modificação vocal, *be*, uma voz modificada.

A vogal *e* que na exposição de cada uma destas regras sobre orthographia acompanha as alterantes (*be*, *ke*, etc.) é posta para obviar á impossibilidade de preferir modificação sem som.

- 2) por *bb*—em *abbade*, *abbreviar*, *gibba*, *rabbi*, *sabbado*, e nos derivados destes.
- 3) por *bh*—em *abhorrecer*, e em seus derivados, bem como na transcripção de certas palavras sanskritas, ex.: « *bhavam* ».

71. A modificação vocal *ke* representa-se

- 1) por *c*—antes de *a*, *o*, *u*, ex.: « *cabo—copa—cuba* ».
- 2) por *cc*—em *acclamar*, *acclimar*, *acclive*, *accommodar*, *accorrer*, *acrescentar*, *acrescer*, *accubito*, *accumular*, *accurado*, *accusar*, *bocca*, *ecclesiastico*, *ocasião*, *ocaso*, *ocorrer*, *ocultur*, *occupar*, *peccar*, *seccar*, *socco*, *socorrer*, *succo*, *succumbir* e nos derivados destes.
- 3) por *equ*—em *aquisição*, *acquirir*, *acquiescencia*, *acquiescer*.
- 4) por *k*—em *kabyla*, *kadosh*, *kakatus*, *kaleidoscopo*, *kali*, *kan*, *kandjar*, *kanguru*, *kaolin*, *karaita*, *karakusa*, *karmatico*, *kava*, *kenosoico*, *kepi*, *keratite*, *keratino*, *kermes*, *kermesse*, *keroda*, *kino*, *kiosque*, *kirsch*, *klopemania*, *knut*, *kremlim*, *kufico*, *kyllopodia*, *kymrico*, *kyrie-eleison*, *kyriologia*, *kyrios*, *kistos*, *parokia*, nos derivados destes e em varios outros vocabulos, oriundos de linguas estrangeiras mórmente da grega em que esta modificação é representada por *k*.
- 5) por *kh*—nos derivados de raizes gregas escriptas por *kh*, e em algumas palavras oriundas de linguas orientaes. « *anakhronismo—arkhetypo—Akhmet—Khorassan* ».

Os derivados de palavras gregas escriptas com *kh* orthographam-se usualmente com *ch*, ex.: « *anachronismo*—

archetypo »; mas insta aceitar a refôrma acima, já proposta por Grivet (1) e por varios outros grammaticos. Os latinos querendo trasladar para o seu idioma o *kh*, que é *k* aspirado, com muito acerto pospuzeram ao *c*, que no seu alphabeto equivalia sempre a *k*, o *h*, signal de aspiração: representar, porém, *kh* por *ch* portuguez, que symbolysa uma modificação vernacula especialissima, é dislate etymologico que só serve para difficultar o tirocio da lingua.

Com effeito, quem será capaz de saber a pronuncia exacta dos vocabulos « *archeiro*, *archonte* » só por vel-os escriptos? Não é a confusão originada de tal uso de letras improprias um estorvo sério ao conhecimento perfeito da lingua franceza? Os vocabulos *chirurgien* e *chirromancie*, por exemplo, derivam-se ambos da mesma raiz *khcir* e todavia um pronuncia-se *xirurgien* e o outro *kiromancie*!

- 6) por *kkh*—nos derivados de raizes gregas escriptas por *kh*, ex.: « *Bakkho*—*ekkhymose* ».

O douto sr. Antonio Ennes em sua monumental traducção da Historia Universal de Cezar Cantu (2) já adoptou para os nomes proprios estas refôrmas orthographicas [5] 6)]. Oxalá o tivera feito em todos os casos em que é ella exigida pela etymologia.

A verdadeira orthographia dos termos de metrologia *kilo*, *kilometro*, etc., é « *khilo*, *khilometro*, etc. »: a raiz grega de taes vocabulos é *khilo*.

- 7) por *q*—antes de *u* nos vocabulos em que *u* representa voz.

U representa voz

a) antes de *a*, *o*, *u*, ex.: « *quadro* (afóra *quaderno*, *quatorze* que se lêem *caderno*, *catorze*), *quociente*—*equuleo* ».

b) nos vocabulos *adquirir*, *antiquissimo*, *delinquir*, *deliquescencia*, *deliquio*, *eloquencia*, *exequente*, *exequivel*, *frequencia*, *inquerito*, *liquido*, *obliquidade*, *questão*, *questor*, *quiproquo*, *Quirites*, *sequela*, *sequencia*, *sequestro*, *tranquilidade*, *ubiquidade*, e nos derivados

(1) *Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, Rio de Janeiro, 1865, pag. 226.

(2) *Historia Universal* por Cezar Cantu, reformada e ampliada por Antonio Ennes, Lisboa, 1879.

destes, bem como nos derivados das raízes latinas « *aequis, equus, quinque, sequor* », ex.: « *equação—equino—quinqüifolio—sequencia*, etc. ».

« *Cuestão* » pronunciam alguns, « *kestão* » dizem outros: a setima edição do Diccionario de Moraes segue o primeiro modo.

8) por *qu*—antes de *e* e de *i*, ex.: « *quero—quilha* ».

O *u* neste caso não representa voz, é mero signal orthographico; as excepções já ficaram notadas na regra antecedente.

Em vocabulos berberes escreve-se *q* (simple) antes de qualquer vogal, ex.: « *Barqah, Qoceyr* ».

72. A modificação vocal *de* representa-se

- 1) por *bd*—em *subdito*.
- 2) por *cd*—em alguns vocabulos derivados do Grego, ex.: « *anecdota* ».
- 3) por *d*—na maioria dos casos ex.: « *dar—Dido* ».
- 4) por *dd*—em *addensar, addição, addicionar, addido, addir, additar, adducção, adduzir, reddito*.
- 5) por *dh*—em *adhesão, adherir, adhortar, dhalia*, nos derivados destes e na transcripção de algumas palavras sanskritas, ex.: « *dhuli* ».
- 6) por *gd*—em *Emygdio, Maydala, Magdalena*, etc..

73. A modificação vocal *fe* representa-se

- 1) por *f*
 - a) nos vocabulos primitivos simples, ex.: « *afan—Africa* ».
 - b) nos derivados destes, ex.: « *afanoso—africano* ».
 - c) nos derivados puramente portuguezes, ex.: « *afocinhar—afofar* ».
 - d) nos compostos com os prefixos *de, pre, pro, re*, ex.: « *defender—preferir—professor—refutar* ».
- 2) por *ff*—nos compostos latinos começados por *a, di, e, o, su*, que passaram para o Portuguez quasi sem alteração, ex.: « *affecto—differir—efficiente—offender—suffragio* ».
- 3) por *ph*—nos derivados da lingua grega, ex.: « *aphrodito—photographo* ».

74. A modificação vocal *ghe* representa-se

- 1) por *g*—antes de *a*, *o*, *u*, ex.: « *gato—gota—gula* ».
- 2) por *gg*—nos compostos latinos começados por *a* e *su* que passaram para o Portuguez quasi sem mudança de fórma, ex.: « *aggravar—suggesto* ».
- 3) por *gh*—em muitos vocabulos estrangeiros, principalmente arabes, ex.: « *Almhogreb—Gharb—Ghez*, etc. ».
- 4) por *gu*—antes de *e* e *i*, ex.: « *guerra—guita* ».

Antes de *e* e de *i* a letra *u* é simples signal orthographico, e só serve para mostrar que *g* representa a modificação explosiva *gh*, e não a constricta *j*. Todavia antes de *e* e de *i* conserva a letra *u* seu valor proprio em *ambiguidade*, *antiquidade*, *aguentar*, *arguir*, *contiguidade*, *guela*, *languidez*, *linguistica*, *unguento*.

75. Como já ficou dito o *h* em Portuguez a nenhuma modificação de voz corresponde; verdadeiramente não é letra: é antes uma notação etymologica e orthographica. Como notação etymologica recorda a aspiração das raizes latinas, gregas e de outras linguas; como notação orthographica entra na formação das letras compostas *ah*, *bh*, *ch*, *dh*, *eh*, *gh*, *ha*, *he*, *hi*, *ho*, *hu*, *hy*, *ih*, *kh*, *lh*, *nh*, *oh*, *ph*, *phth*, *rh*, *rrh*, *sch*, *sh*, *th*, *uh*.

Deve-se pois escrever com *h*

- 1) as interjeições *ah*, *ho*.
- 2) as palavras em que o uso o admite para marcar a não existencia de diphthongo, ex.: « *alahude—atahude* ».

Muitos marcam esta não existencia de diphthongo por accentto agudo, escrevendo *alahude*—*saude*: Garrett propõe para o mesmo fim a diereze (••) (1).

- 3) os vocabulos que o têm de origem, ex.: « *haver—hedio-metro—hippodromo—hora—humildade—hyperbole—uhlano*, etc. ».

Sobre escreverem-se com ou sem *h* as terminações do futuro do indicativo e do imperfeito do condicional dos

(1) *Obra citada*, pag. 10—12.

verbos, quando por *tmese* inserem-se-lhes pronomes complementares, cabe trascrever aqui o arrazoado luminoso com que o dr. Lucindo Filho solveu todas as duvidas (1):

« Em todos os ramos dos conhecimentos humanos ha
« cousas que passam por julgadas, sendo por quasi todos
« admittidas, e que, entretanto, não têm razão de ser, e
« nem resistem á menor analyse.

• As regras da prosodia e da orthographia da lingua
« portugueza ainda não estão firmadas em bases bem so-
« lidas, mas apezar disso ha certas fórmas de escrever
« que não devem ser adoptadas, pois não têm explicação
« alguma racional. Entre estas está aquella por que em
« geral costuma-se a escrever o futuro e o condicional
« simples, quando com elles se usa uma especie de *tmese*,
« como *far-te-ei*, *amarte-te-ia*. Em geral vemos escriptos
« esses tempos do seguinte modo: *far-te-hei*, *amar-te-hia*.

« Donde vem esse *h*?

« Dizem alguns ou quasi todos que *amar-te-hei* está em
« logar de *hei de te amar*, e que emprega-se a figura anas-
« trophe, isto é, que põe-se depois a palavra que deve
« estar antes.

« Admittamos por momentos.

« E como hão de explicar o *h* de *amar-te-hia*?

« Dizem os defensores dessa fórma que *hia* é contrac-
« ção de *havia*.

« Admittamos ainda.

« Como explicarão as fórmas *far-te-hei*, *dir-te-hia*?

« A força da sua logica os obrigarão tambem a susten-
« tar que *far* e *dir* são contracções de *dizer* e *fazer*, e
« na realidade é a doutrina de Lobato, Moraes, Constan-
« cio e de quanta grammatica e dictionario ha por ahi.

« Em nossa opinião não ha necessidade de tanta figu-
« ra: a fórma é simplicissima, e sómente com uma *tmese*
« explica-se perfeitamente o ponto controverso. Com effeito,
« em logar de dizer-se *amarei-te*, *me faria*, separa-se a
« radical da terminação, interpondo-se o pronome, e assim
« temos *amar-te-ei*, *far-me-ia*. Realmente em *far-me-ia* ha
« contracção de *fazer* em *far*, mas não é porque ali se
« devesse dizer *havia-de-fazer*, mas sim porque nos verbos
« *dizer*, *fazer* e *trazer* ha contracção ou crase da radical
« no futuro simples e no condicional—*faria*, *direi*—por—*fa-*
« *zeria*, *dizerei*—considerando o infinito impessoal como ra-
« dical desses tempõs para mais facilidade.

(1) *Gazeta de Noticias*, Rio de Janeiro, 16 Janeiro de 1877.

« Não sabemos desde quando foi introduzido esse *h*.
 « Duarte Nunes de Leão, escriptor do XVI seculo, no
 « seu livro sobre a *Origem & Orthographia da Lingua*
 « *Portugueza* não o emprega. Possuimos a edição de 1864,
 « mas é ella conforme á orthographia do auctor.

« Citaremos os seguintes exemplos. « *Socrates rogado*
 « *de hum Atheniense, que lhe quisesse veer hum filho moço, &*
 « *examinar o para que era, mandou ao mancebo que fal-*
 « *lasse, dizendo: Falla & veerte-ei: dando a entender, que*
 « *as freestas, por onde o interior do homem se vee, são as*
 « *palavras* (Pag. 97.) ».

« *E se se houver de cortar pela segunda syllaba, & a*
 « *adição for composta de preposição, ou particula outra de*
 « *duas syllabas, cortar-se-ão da mesma maneira saindo a*
 « *preposição com as suas duas syllabas inteiras* (Pag. 155.) ».

« O padre Antonio Vieira, João de Lucena, Bernardes
 « e alguns outros classicos, que tivemos occasião de con-
 « sultar a esse respeito, empregaram o *h*.

« Moraes e Silva ora o emprega, ora não. Na primeira
 « edição do seu *Diccionario da Lingua Portugueza* (1813)
 « escreve elle : « *Se lhes perguntares o que é isto, dir-te-hão,*
 « *que em Latim, etc.* (Tom. 1.º, pag. 1) ».

« *TMÈSE, s. f. figura que consiste em dividir uma pala-*
 « *vra composta, mettendo outra ou outras em meio; v. g.*
 « *e vir-se-lhe-á a fazer trabalhoso* » (Tom. 2.º pag. 229).

« O desembargador Falcão na edição que fez do mesmo
 « *Diccionario* teve a infeliz idéa de corrigir este *vir-se-*
 « *lhe-á*, e escrever *vir-se-lhe-ha*.

« Entre os contemporaneos, um dos melhores estylistas
 « da lingua portugueza, o sr. Latino Coelho, não admitte
 « o *h* no condicional, mas sim no futuro imperfeito sim-
 « ples; assim escreve elle :

« *Dir-se-ia que pelos olhos lhe sahia sangue* (*Elogios*
 « *Academicos, Humboldt, 1876, pag. 221*) ».

« *Custar-me-ia o perder a esperança de saudar as mar-*
 « *gens do Ganges* (*Ibid. pag. 267*). »

« *Perguntar-me-heis* (*escreviu Humboldt. . .*) *porque ra-*
 « *zão, etc.* (*Ibid. pag. 441*) ».

« Já é um passo dado pelo distincto escriptor para a
 « proscricção do *h* tão desastradamente empregado, mas
 « porque não proscreevel-o tambem no futuro simples ?

« Quasi todos os grammaticos e lexicographos portu-
 « guezes que conhecemos, quando tratam da figura *tmese*,
 « a definem como Moraes, cujas palavras ha pouco citá-
 « mos, e dão como exemplo a fórma de que estamos tra-

« tando. Ora, si a *tmese* consiste na separação de uma
 « palavra em duas, pondo-se outra de permeio, em *amar-*
 « *te-ei* está claro que a palavra *amarei* está dividida em
 « duas por intermedio do pronome *te*. Como, pois, esses
 « mesmos auctores dizem que nesse modo de dizer ha
 « *anastrophe*? O contrasenso é visivel.

« Aproveitamos a occasião para fazer uma observação
 « a respeito da definição que quasi todos apresentam da
 « *figura tmese*.

« Dizem que consiste ella na divisão de uma palavra
 « composta em duas, e, apezar de a definirem assim, dão
 « o exemplo de uma palavra simples.

« Mais bem avisado andou Ródrigues Dantas quando
 « a definiu « *figura* pela qual na oração uma palavra se
 « divide em duas, mettendo-se outra de permeio » ; pois
 « não tem sido empregada sómente nas palavras compostas,
 « mas tambem nas simples. Os poetas latinos usaram e até
 « abusaram do seu emprego nestas ultimas, por exemplo

« *Et saxo CERERE comminuit BRUM* (ENNIUS).»

« *Stultum est MEDI spernere CINAM* (SEMPRONIUS GRACCHUS).»

« *Languidior porro disjectis DIS que SIPATIS* (LUCRETIVS).»

« Seja dito de passagem que o uso demasiado da *tmese*
 « nas palavras simples chegou a tal ponto, que Santo
 « Eugenio parodiou esse abuso em uma serie de versos
 « que começam deste modo :

« *O Jo versiculos nexos quia despicias* HANNES,

« *Accipe DI solers si nosti jungere VISOS*, etc.»

« e que Larrousse cita por extenso no seu *Grande Dic-*
 « *cionario Universal*.

« Resumindo tudo o que acabámos de expôr, dizemos
 « que não ha necessidade de appellar para as quatro fi-
 « guras reunidas—*ellipse*, *anastrophe*, *crase* e *tmese*, como
 « querem, por exemplo em *dir-te-hia* : *ellipse*, porque sup-
 « prime-se a preposição *de*; *crase*, porque contrai-se *havia*
 « em *hia*; *anastrophe*, porque colloca-se depois a palavra
 « *hia* que devia estar antes; e *tmese*, porque divide-se
 « a palavra em duas (já vimos que é um absurdo a
 « combinação destas duas ultimas).

« Com uma simples *tmese* explica-se perfeitamente esta
 « fórmula.

« Vê-se claramente que os auctores dos livros didacticos
 « não reflectiram sobre esta questão, e foram leviana-

« mente repetindo e copiando o que outros mais antigos
 « disseram e escreveram, e desta arte consagrou-se um
 « modo de escrever que deve ser abandonado, porque é
 « contrario a todas as regras orthographicas, e, repetimos,
 « não tem explicação alguma racional.

« Em um artigo anterior já dissemos que os classicos
 « não devem ser imitados em tudo, pois, si muito acerta-
 « ram, tambem muito erraram.

« Reflectamos primeiro sobre as regras que porventura
 « nos sejam impostas, e si por acaso forem consentaneas
 « á razão e ao bom senso, então as adoptemos. Já vai
 « muito longe esse tempo em que *magister dixit* era a
 « regra invariavel; hoje que a lei do progresso é a lei
 « universal, o espirito humano, que não tem peias, só deve
 « admittir aquillo que lhe provarem ser justo, logico e claro ».

76. A modificação vocal *je* representa-se

- 1) por *g*—antes de *e, i, y*, ex.: « *gelo—gibba—gyro* ».

Dos vocabulos que começam por *ge* exceptuam-se *Jebus, jecorario, jectigação, jecuiva, Jehovah, jeitar, jejum, jejuno, jellala, jencionaes, Jenissey, jenipapo, jenolim, jequiry, Jequitinhonha, jerataca, jerepemonga, jererê, Jeremias, Jericó, jerimum, jervá, Jersey, Jerumirim, Jerusalem, Jesus, jetahy, macujê* e os derivados destes, ex.: « *jesuita—jehovista—jetahy-peva, etc.* ».

- 2) por *j*

a) antes de *a, o, u*, ex.: « *jaca—jota—juba* ».

b) na terminação da terceira pessoa do aoristo do indicativo, e nas de todas do presente do subjunctivo dos verbos em *jar*, ex.: de « *festejar* » « *festejei—festeje—festejes—festeje—festejemos—festejeis—festejem* ».

c) nos derivados do verbo latino *jacio*, ex.: « *adjectivo—conjectura—objecto—projectil—sujeito* ».

São estas as regras possiveis sobre o emprego de *g* e *j* para representar a modificação *je*; e é o que basta. A excepção que pretendiam estabelecer alguns grammaticos, mandando escrever *laranjeira, anjinho*, sobre espeziosa, é pouco seguida.

77. A modificação vocal *le* representa-se1) por *l*

a) nos vocabulos começados pelo prefixo portuguez *a*, ex.: « *alegrar—alugar* ».

b) nos vocabulos começados por *e*, ex.: « *elaterio—elucidario* ».

Exceptuam-se destes *ella, ellas, elle, elles, ellipse* e seus derivados, *ello* (variação antiquada de *elle*).

c) nos vocabulos começados por *o*, ex.: « *olaia—oleo* ».

Exceptuam-se destes *olla, ollaria, olheiro*.

2) por *ll*

a) nos compostos de vocabulos começados por *l* com os prefixos *al, col, il* derivados dos latinos *ad, con, in*, ex.; « *alludir—colligir—illegitimo* ».

b) nos compostos de *mel* e de *mil*, ex.: « *melliflvo—millenio* ».

c) nas syllabas *bel, cel, del, gil, gril, mil, nel, pel, pil, tel, til, vel, zel*, quando sobre ellas recahir o accento tonico, seguindo-se-lhes uma vogal, ex.: « *barbella—cancellla—cadella—pugillo—grillo—mamillo—panella—pelle—pupillo—martello—scintilla—novella—donzella* ».

Ha muitas excepções a esta regra: só um bom dicionario póde ser guia segura para todos os casos.

78. A modificação vocal *me* representa-se

1) por *m*—na pluralidade dos casos, ex.: « *Allemanha—amar* ».

2) por *gm*—em *apophtegma, augmento*, e nos derivados deste.

3) por *mm*

a) em muitos vocabulos derivados do Latim e do Grego, ex.: « *gemma—grammatica* ».

b) nos compostos de vocabulos começados por *m* com os prefixos *com, em, im* (alterações de *con, in*), ex.: « *comover—emmadeirar—immortal* ».

79. A modificação vocal *ne* representa-se

1) por *n*—na pluralidade dos casos, ex.: « *cano—tenaz* ».

- 2) por *gn*—em *assignar*—*malignar*—*signal*, nos derivados destes, e em *Ignez*—*Ignacio*, etc..
- 3) por *mn*—em alguns vocabulos tomados do Latim, e nos derivados desses vocabulos, ex.: « *alumno*—*columna*—*damno*—*solemne*, etc. ».
- 4) por *nn*—nos compostos de vocabulos começados por *n* com os prefixos *an*, *en*, *in* (alterações de *ad*, *in*), ex.: « *annunciar*—*ennobrecer*—*innocente* ».

80. A modificação vocal *pe* representa-se

- 1) por *p*—na pluralidade dos vocabulos, ex.: « *apagar*—*eponymo* ».
- 2) por *pp*
 - a) nos compostos de vocabulos começados por *p* com os prefixos *ap*, *op*, *sup* (alterações de *ad*, *ob*, *sub*), ex.: « *applaudir*—*oppugnar*—*supprimir* ».
 - b) em *Aggripa*, *Agrippina*, *cippo*, *Joppe*, *Oppia*, *Poppa*, e nos vocabulos derivados do nome grego *hippos* (cavallo) ex.: « *hippodromo*—*hippico*—*Hippolyto*—*Philippe* ».

81. A modificação vocal *re* (*r* brando como em *caro*) representa-se sempre por *r* ex.: « *furo*—*saracura*—*tóro* ».

Depois de *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *p*, *ph*, *t*, *v*, a letra *r* serve para representar o elemento brando das modificações compostas *br*, *cr*, etc., ex.: « *brodio*—*cravo*—*draga*—*frota*—*grato*—*primo*—*phrenetico*—*trama*—*livro* ».

82. A modificação vocal *rre* (*r* forte como em *roda*, *Conrado*) representa-se

- 1) por *r*
 - a) no principio dos vocabulos usuaes, ex.: « *roca*—*rumo* ».
 - b) depois de *l*, *m*, *n*, *s*, ex.: « *chilrar*—*Amrão*—*Conrado*—*Israel* ».
 - c) nos vocabulos compostos com os prefixos *a*, *de*, *pre*, *pro*, ex.: « *arraigar*—*derogar*—*prerogativa*—*proromper* ».

Nos vocabulos compostos com o prefixo *a* vai prevalecendo o uso de *rr*, e muitos escrevem *arraigar*.

- 2) por *rh*—no principio de vocabulos derivados do Grego, ex. : « *rhetorica—rhombo* ».
- 3) por *rr*—entre vogaes no corpo de vocabulos, ex. : « *carro—murro* ».
- 4) por *rrh*—entre vogaes nos vocabulos derivados do Grego, ex. : « *arrhas—catarrho* ».

83. § 1.º A modificação *se* no principio dos vocabulos representa-se

- 1) por *e*—antes de *e* e de *i* nos derivados e compostos de *centum*, *circum*, *cis*, ex. : « *centena—centumviro—circo—circumstancia—cisalpina—cisgangetico* », e em muitissimos outros vocabulos.
- 2) por *s*
 - a) sempre antes de *a*, *o*, *u*, ex. : « *sapo, sola, sumo* ».
 - b) antes de *e* e de *i* na maioria dos vocabulos da lingua, ex. : « *seda—siba* ».

§ 2.º A modificação vocal *se* no corpo dos vocabulos representa-se

- 1) por *c*
 - a) antes de *i* nos substantivos derivados de adjectivos verbaes, ex. : « *constancia—confidencia* » de « *constante—confidente* ».
 - b) nas diversas terminações dos tempos dos verbos, ex. : « *conhecer—rociar—empeciamos* ».
Exceptua-se *ser*.
 - c) nos derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *ci* ou *ti*, ex. : « *officio—vicio* » de « *officium—vitiium* ».
- 2) por *cc*
 - a) antes de *e* e de *i* nos compostos de vocabulos começados por *c* com o prefixo *ac* (alteração de *ad*), ex. : « *acelerar—accidente* ».
 - b) antes *i* nos derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *cti*, ex. : « *fraccionar* » de « *fractio* ».
- 3) por *ç*
 - a) antes de *a* e de *o* em muitos verbos tanto da primeira como da terceira conjugação, ex. : « *roçava—roço—reconheça—reconheço* ».

- b) antes de *a, o, u*, em *açacalar, açafata, açafate, açafirão, açafirão, açamo, açodar, açofeifa, açor, açorar, açorda, açotéa, açougue, açoute, açude, açular*, etc..
- c) antes das terminações *ão, ões* em derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *ti*, ex.: « *locução—locuções—turbação—turbações* » de « *locutione—turbatione* ».
- d) na terminação de muitos substantivos depois de *a, an, ar, e, en, er, i, in*, ex.: « *cabaça—melaço—pujança—engrimanço—garça—cadarço—peça—codeço—licença—lenço—terça—berço—linguiça—chouriço—pinça—painço*, etc..
- 4) por *çç*—antes das terminações *ão, ões*, em derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *cti*, ex.: « *acção—acções—satisfacção—satisfacções* » de « *actione—satisfactione* ».
- 5) por *çç*—antes das terminações *ão, ões*, em derivados de vocabulos latinos cuja penultima syllaba é *pti*, ex.: « *descripção—descripções—subscripção—subscripções* » de « *descriptio—subscriptione* ».
- 6) por *ps*—em *psalmo* e em seus derivados, ex.: « *psalterio—psalmodia*, etc. ».
- 7) por *s*—nos compostos de vocabulos começados por *s*, com os prefixos *a, de, pre, pro, sobre*, ex.: *asellar—deservir—presentir—prosequir—sobresahir* ».

Nos compostos com os prefixos *a* e *de* vai prevalecendo o uso de *ss*: muitos escrevem *assellar, desservir*.

- 8) por *sc*—em derivados de vocabulos latinos em que figura a modificação *sc*, ex.: « *condescender—rescindir—sciencia—scintillar* ».
- 9) por *ss*— entre vogaes
- a) na terminação do imperfeito do subjunctivo de todos os verbos, ex.: « *amasse—entendesse—partisse—compuzesse* ».
- b) na terminação dos superlativos proprios, ex.: « *justissimo—pessimo—riquissimo* ».
- c) na terminação dos substantivos verbaes, ex.: « *confessor—professor* ».